

| <b>Dados do Projeto de Pesquisa</b>   |   |
|---|---|
| <b>Título do Projeto de Pesquisa:</b>   | PEDAGOGIA SURDA NO CONTEXTO DO CARIRI: MAPEAMENTO DA FORMAÇÃO E DO TRABALHO DE INSTRUTORES/AS E PROFESSORES/AS SURDOS/AS                        |
| <b>Grande área/área segundo o CNPq (<a href="https://goo.gl/JB3tAs">https://goo.gl/JB3tAs</a>):</b> | Educação/Tópicos Específicos da Educação  |
| <b>Grupo de Pesquisa vinculado ao projeto:</b>  |   |
| <b>Linha de pesquisa do grupo de pesquisa vinculado ao projeto:</b>                                 |   |
| <b>Categoria do projeto:</b>  | ( ) projeto em andamento, já cadastrado na PRPI<br>( ) projeto não iniciado, mas aprovado previamente<br>( X ) projeto novo, ainda não avaliado |
| <b>Palavras-chave:</b>  | Pedagogia surda; Instrutores/as surdos; Professores/as surdos/as.   |

## 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Reis (2006), apesar de os primeiros professores<sup>1</sup> de pessoas surdas terem sido surdos, o que contribuiu para disseminar a língua de sinais; com a proibição do uso dessa língua no século XIX, eles foram excluídos do campo educacional. Atualmente, o advento da inclusão e o decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) contribuíram para que pessoas surdas retomassem de modo mais expressivo a função docente nas escolas regulares brasileiras, embora, um pouco antes, elas já viessem ocupando espaços nas escolas especiais para as pessoas surdas.

A partir dessa base legal, a inserção de professores/as surdos/as foi expressiva nas escolas regulares, considerando a ausência total deles/as anteriormente. Mas, se for tomado o universo docente como um todo nas escolas, é possível notar que essa inserção ainda é incipiente. Provavelmente por isso, as pesquisas que focam no trabalho de instrutores/as e professores/as surdos/as são reduzidas.

A recente inserção justifica o desenvolvimento da presente pesquisa sobre o tema, desvelando como vem se construindo os discursos e as práticas culturais que

---

<sup>1</sup> Não há clareza na literatura se as mulheres surdas já atuavam como educadoras à época. Por isso, o uso do gênero masculino expresso na linguagem.

envolvem a formação e o trabalho na escola, assim como ressalta Albres (2014, p. 248):

O campo de formação de professores está aberto à pesquisa, sendo necessária a investigação também de questões quanto à carreira, às condições de trabalho, ao salário, à autoestima e ao valor social dos professores surdos. Pesquisas estas visando investigar as condições para o exercício profissional dos que se dedicam a ensinar Libras, principalmente dos professores surdos, com uma articulação política por suas organizações associativas e sindicais, bem como seus espaços para formação continuada.

A inserção desses/as profissionais no campo educacional ocorreu também por conta do Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005. O referido decreto regulamenta a Libras (Lei n.º 10.436 de 24 de abril de 2002) como meio legal de comunicação e expressão, tendo dentre outras garantias a inclusão da disciplina Libras nos cursos de formação docente e de Fonoaudiologia (BRASIL, 2002). O decreto amplia os direitos das pessoas surdas, prevendo a formação de instrutores/as surdos/as, professores/as surdos/as e tradutores/as/-intérpretes de Libras (BRASIL, 2005).

A distinção entre instrutores/as surdos/as e professores/as surdos/as dá-se porque o decreto define como instrutores/as de Libras aqueles/as surdos/as que possuem formação em nível médio e como professores/as de Libras aqueles/as surdos/as que possuem formação em nível superior (BRASIL, 2005):

Art. 7º Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja docente com título de pós-graduação ou de graduação em Libras para o ensino dessa disciplina em cursos de educação superior, ela poderá ser ministrada por profissionais que apresentem pelo menos um dos seguintes perfis: I - professor de Libras, usuário dessa língua com curso de pós-graduação ou com formação superior e certificado de proficiência em Libras, obtido por meio de exame promovido pelo Ministério da Educação; II - instrutor de Libras, usuário dessa língua com formação de nível médio e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação; [...] (BRASIL, 2005).

Por isso, esta pesquisa abrangerá ambos os perfis como forma de ter um panorama mais amplo dos/as profissionais que constroem o que os Estudos Surdos chamam de Pedagogia Surda. Desse modo, esta pesquisa ancora-se no campo teórico dos Estudos Surdos.

Os Estudos Surdos focalizam as questões culturais da educação de pessoas surdas. Ela passa a ser problematizada, no sentido de se compreender o que está subliminar às práticas culturais e discursivas, nesse sentido o currículo escolar deixa de ser compreendido meramente como um dispositivo de reprodução de conteúdos, passando a ser visto com um dispositivo de poder-saber no qual as identidades, a diferença e a alteridade surdas são reguladas e controladas.

É nessa corrente de discussões e contribuições dos Estudos Surdos que diversas pesquisas em educação têm sido desenvolvidas sobre a cultura surda. Como os Estudos Culturais têm como um de seus focos toda a produção de significados das diferentes culturas, os fenômenos e significados culturais produzidos pelas pessoas surdas passaram a ser estudados como artefatos de uma cultura singular. Destarte, “nessa perspectiva, a cultura dos surdos é entendida como um campo de luta entre diferentes grupos sociais, em torno da significação do que sejam a surdez e os surdos no contexto social global” (SÁ, 2006, p. 105-106).

Dentre esses caminhos, pelos quais os Estudos Surdos têm trilhado, as relações culturais pessoa surda-pessoa surda, sobretudo entre docentes-discentes surdas e surdos, levam-nos a desenvolver esta pesquisa por considerar que, mediante os processos educacionais, a cultura surda passa a circular constantemente no espaço escolar quando há essa relação direta, ou seja, de uma pessoa surda com a outra. Além disso, quando essa relação acontece entre um/a professor/a surdo/a e alunos/as surdos/as existe a possibilidade de construção de identidades surdas, visto que essa construção não é inevitável e homogênea, entretanto, é muito provável que ocorra de forma apropriada na relação entre pares surdos.

Assim como Skliar (1998), entendemos que a construção de identidades surdas carece de uma comunidade de pares, envolvida num processo sócio-histórico, sendo isso não apenas uma questão pedagógica, mas de direito. Isso é mais contundente numa realidade em que a maioria de crianças surdas não possui contato com a cultura surda. O ideal, então, é que essas crianças mergulhem em sua cultura desde a mais tenra idade. Isso se torna possível na relação com professores/as surdos/as, por isso, construímos um raciocínio tendo como pressuposto político-pedagógico a Pedagogia Surda.

Para entender a Pedagogia Surda, é importante situá-la a partir da perspectiva que compreendo a Pedagogia. Para tanto, tomo como base o conceito de Silva (2014),

que posiciona todas as pessoas no centro do ato pedagógico. Diferentemente do que temos visto em outras propostas pedagógicas, a pedagogia da diferença inclui nesse centro aquelas pessoas consideradas os Outros da sociedade, que possuem diferenças mais marcadas. É uma abordagem de pedagogia que permite às pessoas assumirem suas diferenças, sutis ou marcadas, dando ao Outro o direito de ser ele mesmo no ato de educar e de ser educado.

Em certo sentido, “pedagogia” significa precisamente “diferença”: educar significa introduzir a cunha da diferença em um mundo que sem ela se limitaria a reproduzir o mesmo e o idêntico, um mundo parado, um mundo morto. É nessa possibilidade de abertura para um outro mundo que podemos pensar na pedagogia como diferença (SILVA, 2014, p. 101).

É a “abertura para um outro mundo” que faz da pedagogia um ato educativo. A diferença está em estreita relação com a identidade (SILVA, 2014). A pedagogia da diferença deixa emergir no processo educacional, situações multifacetadas, as quais dão base para as múltiplas identidades intra e inter pessoais. Dessa forma, é superada a visão de identidade única, podendo uma só pessoa possuir múltiplas identidades. É a possibilidade de considerar essa complexidade intra e intercultural que torna um sistema mais ou menos inclusivo. Portanto, o ato de considerar as diferenças é educativo, na medida em que possui potencial para transformar o ato de conhecer num processo que está imbricado à vida das pessoas envolvidas nele. A oportunidade de deixar fluir as alteridades significa compreender os conhecimentos como algo que só tem sentido se o ser humano for compreendido na sua globalidade. Para isso, é preciso permitir que as diferenças definam as identidades como uma abertura necessária no ato educativo.

A diferença pode ser construída negativamente – por meio da exclusão ou da marginalização daquelas pessoas que são definidas como “outros” ou forasteiros. Por outro lado, ela pode ser celebrada como fonte de diversidade, heterogeneidade e hibridismo, sendo vista como enriquecedora [...] (WOODWARD, 2014, p. 50-51).

Embora entenda que pedagogia da diferença é um termo redundante, porque está embutida na própria pedagogia, e que ela deve envolver diferenças de toda ordem e natureza, trago neste argumento dissertativo, haja vista meu recorte investigativo, considerações mais robustas sobre a Pedagogia Surda.

Com isso, buscamos trazer a diferença do Outro surdo para o centro do debate, de modo positivo, crítico, heterogêneo, híbrido e includente, proporcionando a esse Outro ser protagonista de si mesmo no processo pedagógico. De acordo com Strobel (2013, p. 92), “a pedagogia surda é uma educação sonhada pelo povo surdo, visto que a luta atual dos surdos é pela constituição da subjetividade ao jeito surdo de ser”. Vista por esta ótica, podemos vislumbrar a diferença surda no processo educacional para as pessoas surdas, como constituinte da cultura surda, nos moldes que afirma Perlin (2013, p. 56): “a cultura surda como diferença se constitui numa atividade criadora. Símbolos e práticas jamais conseguidos, jamais aproximados da cultura ouvinte”.

Para que essa cultura venha à tona, a Pedagogia Surda deve incluir, necessariamente, as professors/as surdos/as. Esse é o caminho de, por meio de uma língua “mais viva do que nunca”, desenvolver conhecimentos acadêmicos simultâneos à produção de cultura da comunidade surda. Para Strobel (2013, p. 91):

O povo surdo luta pela pedagogia surda que parte de um “olhar” diferente, direcionado em uma filosofia para educação cultural, na qual a educação dá-se no momento em que o surdo é colocado em contato com a sua diferença, para que aconteçam a subjetivação e as trocas culturais.

A luta pela viabilização da Pedagogia Surda pelas pessoas surdas é uma forma de buscar, no espaço escolar, a valorização e o respeito da sua cultura. Para isso, é importante que as relações estabelecidas com essa língua se deem no contato com outras pessoas surdas e, especialmente, adultas. Segundo Rangel e Stumpf (2012, p. 115) “quando o professor e o aluno utilizam a mesma língua, no caso a língua de sinais, a comunicação deixa de ser um problema. Quando ambos são surdos, os interesses e a visão de mundo passam a ser os mesmos”. Dessa forma,

A importância do professor surdo dentro de sala de aula atuando em língua de sinais se dá a partir da identidade e do acesso ao conhecimento. Em termos pedagógicos, o professor surdo em sala de aula é muito importante, porque quando a criança surda mira o professor surdo, ela se sente refletida nesse professor, ela sabe que, se esse professor chegou lá, ela também pode chegar. Com relação ao professor ouvinte, a criança surda tem uma grande dificuldade de se identificar numa perspectiva de futuro. Então essa criança se sente excluída no processo de formação de sua própria identidade. O professor de surdo pode ser o modelo de como nós, surdos, precisamos ser, em termos linguísticos e culturais (PERLIN, 2007, p.

2)<sup>2</sup>.

A Pedagogia Surda transcende o aspecto comunicacional, permitindo a existência de trocas culturais entre pares surdos. Os/as professores/as surdos/as podem, assim, ser referência positiva para alunos/as surdos/as, como pessoas que possuem uma vida produtiva.

O conhecimento sobre a cultura surda terá como implicação não só a divulgação das possibilidades existentes nas diferenças, mas propiciará também um processo de identificação entre as próprias pessoas surdas e a construção de suas identidades. Perlin (2000, p. 24) afirma que:

O contato do sujeito surdo com as manifestações culturais dos surdos é necessário para a construção de sua identidade, caso contrário, sua experiência vai torná-lo um sujeito sem possibilidades de autoidentificar-se como diferente e como surdo, ou seja, com determinada identidade cultural. A sua identificação vai ocorrer como sendo um sujeito deficiente.

Para justificar a importância do contato de estudantes surdos/as com professores/as surdos/as na educação básica, por exemplo, Strobel (2013) lembra de pesquisas científicas realizadas no Brasil, Estados Unidos e Europa que comprovam que crianças surdas filhas de famílias surdas se saem melhor no desenvolvimento da linguagem do que as que são filhas de famílias ouvintes. Isso é favorecido pelo fato de haver comunicação em língua de sinais com as crianças surdas desde a mais tenra idade. Então, a realidade da maioria das crianças surdas, filhas de famílias ouvintes, adensa a necessidade de haver professores/as surdos/as em sua escolarização, de modo a proporcionar um processo escolar mais engajado com a cultura surda.

Atualmente, com o processo de inclusão de pessoas surdas em escolas comuns, a maioria dos/as estudantes surdos/as tem se relacionado apenas com ouvintes, podendo “a ausência da convivência com sujeitos surdos dificulta[r] a construção da identidade em sua condição de pessoa surda” (SOARES, 2012, p. 111). No entanto, quando há mais de uma criança surda no espaço escolar, sobretudo se já forem usuárias de língua de sinais – muitas entram na escola sem ter adquirido língua alguma –, é bem provável

---

<sup>2</sup> Mesa redonda: “Inclusão escolar: desafios” (Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gladis Perlin). Disponível em: <<http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/anaispdf/gladis.pdf>>. Acessado em: 26/05/2019.

que elas se identifiquem e se aproximem. Essa é uma situação longe de ser ideal, mas é uma questão importante para os processos inclusivos.

Segundo Terra (2011), sobre a relação docentes-estudantes surdos/as, o contato com os/as semelhantes propicia às pessoas surdas um sentimento de não estar só, de partilha de angústias com quem consegue compreendê-las. Terra (2011, p. 136) assegura ainda que “o professor surdo, além de ensinar a LIBRAS, de ser alguém com quem as crianças se identificam, deve preparar os alunos para viverem na inclusão”.

A importância do desenvolvimento deste projeto justifica-se pelo fato de que o foco no trabalho de instrutores/as e professores/as surdos/as possibilitará a reflexão sobre processos que proporcionem uma pedagogia da diferença, portanto, uma educação mais inclusiva para as pessoas surdas.

Além disso, a relevância desta pesquisa poderá se dar também porque pode ampliar o espectro de discussões teóricas, uma vez que a ênfase no trabalho de instrutores/as e professores/as surdos/as não é tão comum como ocorre no caso de professores/as ouvintes. Nesse sentido, a escolha por definir como sujeitos surdos/as atuantes como instrutores/as e professores/as na região do Cariri Cearense pode ser considerada o diferencial desta pesquisa, representando um avanço na produção do conhecimento, sobretudo porque dará luz aos processos sociais e culturais que envolvem as pessoas surdas em outro papel social: o docente.

## **2. OBJETIVOS**

### **Objetivo geral:**

Mapear dados sobre a formação e o trabalho de instrutores/as e professores/as surdos/as que atuam no contexto do Cariri Cearense.

### **Objetivos específicos:**

- a) Mapear a quantidade de instrutores/as e professores/as surdos/as em atividade profissional no contexto do Cariri Cearense;
- b) Cartografar onde os/as instrutores/as e professores/as surdos/as do Cariri atuam;
- c) Levantar os dados formativos e profissionais dos/as instrutores/as e professores/as surdos/as do Cariri Cearense;

- d) Levantar os dados formativos e profissionais dos/as instrutores/as e professores/as surdos/as do Cariri Cearense;
- e) Conhecer as atividades desenvolvidas por professores/as surdos/as no Cariri Cearense.

### 3. METODOLOGIA

Com base nos Estudos Surdos, esta pesquisa será desenvolvida de forma qualitativa por envolver métodos quantitativos e qualitativos para a obtenção de uma análise mais panorâmica do objeto da pesquisa. Por meio dessa abordagem, é possível compreender um pouco mais sobre a realidade.

Apresenta-se também como uma pesquisa descritiva, tendo por objetivo descrever determinados dados, de forma a obter informações a respeito daquilo que já se definiu como problema a ser investigado (TRIVIÑOS, 2008).

Elegeremos a análise de conteúdo como método de análise, deixando a possibilidade de a mesma valer-se de outras possibilidades que possam surgir no *corpus* teórico-analítico. De acordo com Paraíso (2012, p. 41), “ao construirmos nossas metodologias sabemos que podemos usar os procedimentos e as práticas de investigação que sabemos ou conhecemos, mas não podemos ficar prisioneiras dessas práticas”.

Sobre a análise de conteúdo, ela será incorporada à pesquisa por permitir o olhar sobre diferentes nuances de um objeto de estudo. Segundo Bardin (2011, p. 15), a análise de conteúdo é “um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. Esse método permitirá dirigir durante o processo analítico dos dados uma atenção minuciosa à produção de significados encontrada nos dados empíricos obtidos por meio de questionários.

Para Richardson (1999), os questionários descrevem características e medem variáveis de um grupo. Quando ao tipo de pergunta, os questionários são classificados em fechados, abertos e que combinam os dois tipos de perguntas. De acordo com ele, não obstante exijam menos habilidade para aplicação do que uma entrevista, os questionários sozinhos podem não ser suficientes para aprofundar a compreensão de um determinado fenômeno. Por isso, destaca-se que esta pesquisa poderá continuar a partir



dos dados levantados neste momento inicial.

Após a coleta de dados, a pesquisa passará às seguintes ações: *ordenação dos dados*: todos os dados levantados por meio dos questionários serão ordenados em um único document a fim de que facilitem a categorização; *categorização*: elencaremos categorias mestras para as análises, a partir do conteúdo dos questionário; *descrição*: nessa fase, descreveremos os dados empíricos articulando-os com os referenciais teóricos dos Estudos Surdos.

Todavia, antes de qualquer uma das ações supracitadas, realizaremos os procedimentos éticos para o desenvolvimento da pesquisa, submetendo primeiramente o projeto ao Comitê de Ética da Universidade Federal do Cariri (UFCA).

Quando os sujeitos aceitarem participar da pesquisa, solicitaremos a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), conforme recomenda a Resolução do CNS 196/96<sup>3</sup> (BRASIL, 1996). Ao assinar o TCLE, os sujeitos serão informados sobre todas as etapas da pesquisa, ficando livres para participarem ou não, bem como desistirem a qualquer momento. Manteremos os dados pessoais dos mesmos em sigilo, zelando por não divulgar seus nomes, tampouco os nomes das instituições em que trabalham.

#### **4. PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES CIENTÍFICAS, TECNOLÓGICAS OU DE INOVAÇÃO DO PROJETO**

Os resultados esperados e as contribuições científicas a partir do desenvolvimento deste projeto de pesquisa serão:

- a) Visibilidade do trabalho de instrutores/as e professores/as surdos/as do Cariri Cearense com base nas atividades que desenvolvem;
- b) Valorização do trabalho de instrutores/as e professores/as surdos/as do Cariri face a sua importante e recente inserção no campo educacional;
- c) Levantamento de dados sobre a formação e trabalho dos/as instrutores/as e professores/as surdos/as do Cariri a fim de formulação de novos projetos de pesquisa e extensão com foco nesses sujeitos.

---

<sup>3</sup>

Disponível

em:

<[http://conselho.saude.gov.br/web\\_comissoes/conep/arquivos/resolucoes/23\\_out-versao\\_final\\_196\\_ENCEP\\_2012.pdf](http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/arquivos/resolucoes/23_out-versao_final_196_ENCEP_2012.pdf)>

## 5. CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO DO PROJETO

- AT1. Revisão bibliográfica;  
 AT2. Pesquisa exploratória: contato com os sujeitos da pesquisa;  
 AT3. Aplicação dos questionários;  
 AT4. Ordenação dos dados;  
 AT5. Categorização dos dados;  
 AT6. Descrição dos dados;  
 AT7. Escrita dos relatórios da pesquisa;  
 AT8. Entrega dos relatórios da pesquisa.

| Nº  | 2018 |    |    |    |    | 2019 |    |    |    |    |    |    |
|-----|------|----|----|----|----|------|----|----|----|----|----|----|
|     | 08   | 09 | 10 | 11 | 12 | 01   | 02 | 03 | 04 | 05 | 06 | 07 |
| AT1 | X    | X  | X  | X  | X  | X    | X  | X  | X  | X  | X  |    |
| AT2 |      | X  |    |    |    |      |    |    |    |    |    |    |
| AT3 |      |    | X  | X  | X  |      |    |    |    |    |    |    |
| AT4 |      |    |    |    |    | X    |    |    |    |    |    |    |
| AT5 |      |    |    |    |    | X    |    |    |    |    |    |    |
| AT6 |      |    |    |    |    | X    | X  |    |    |    |    |    |
| AT7 |      |    |    |    |    |      |    | X  | X  | X  | X  |    |
| AT8 |      |    |    |    |    |      |    |    |    |    |    | X  |

## REFERÊNCIAS

- ALBRES, Neiva de Aquino. **Relações dialógicas entre professores surdos sobre o ensino de Libras**. 2014. 305 f. Tese (Doutorado em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos**. Bioética 1996, 4(2), Supl:15-25.
- BRASIL. **Decreto de 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília-DF: MEC, 2005.
- BRASIL. **Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, 2002.
- PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 23-45.
- PERLIN, Gladis. Identidade surda e currículo. In: SKLIAR, Carlos; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; GÓES, Maria Cecília Rafael de (Orgs.). **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Editora Lovise, 2000. p. 23-28.
- PERLIN, Gladis. Identidades surdas. In: SKLIAR, Carlos (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 51-74.
- RANGEL, Gisele Maciel Monteiro; STUMPF, Marianne Rossi. A pedagogia da diferença para o surdo. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulália (Orgs.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012. p. 113-124.
- REIS, Flaviane. **Professor surdo: a política e a poética da transgressão pedagógica**. 2006. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.
- RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006. (Coleção pedagogia e educação).

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73- 102.

SKLIAR, Carlos. Abordagens sócio-antropológicas em educação especial. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 7-20.

SOARES, Fabiana Martins Rodrigues. O (não) ser surdo em escola regular: um estudo sobre a construção da identidade. In: LODI, Ana Claudia Balieiro; MÉLO, Ana Dorziat Barbosa de; FERNANDES, Eulália (Orgs.). **Letramento, bilinguismo e educação de surdos**. Porto Alegre: Mediação, 2012. 105-112.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 3. ed. rev. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

TERRA, Cristiane Lima. **O processo de constituição das identidades surdas em uma escola especial para surdos sob a ótica das três ecologias**. 2011. 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande-RS.

TRIVIÑOS, A. N. da S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.